NÃO VIM BUSCAR JUSTOS E SIM PECADORES

Introdução:

A dois anos comemoramos os 150 anos de Adventismo no Brasil e a mensagem que temos pregado é as três mensagem angélicas. Durante as primeiras décadas nossos pioneiros pregaram a tríplice mensagem angélica um pouco dissociada de Cristo. O resultado, disse a Sra. White: "temos pregado tanto a lei e estamos tão secos como as colinas do Gilboa que não recebem chuva." Após o ano de 1888 a igreja se reencontrou com a doutrina da justificação pela fé e Cristo passou a ser o centro da pregação da tríplice mensagem angélica.

Como realmente deveria ser, a Sra. White escrevendo no dia 1º de Abril de 1890 disse: "várias pessoas me escreveram perguntando se a mensagem da justificação pela fé é a mensagem do terceiro anjo. Eu respondi-lhes: é verdadeiramente a mensagem do terceiro anjo. Nesta noite gostaria de falar-lhes um pouco mais sobre esta doutrina, a Justificação pela fé. A doutrina central da palavra de Deus em torno da qual todas as demais doutrinas giram e encontram sentido e significado.

I - DE PECADORES A JUSTOS

Se tivéssemos que escolher entre passar de pecadores a justos e passar de justos a pecadores o que é que escolheríamos?

Há um texto no Evangelho de Lucas que também aparece nos evangelhos de Mateus e Marcos que é muito conhecido de todos nós. Já o lemos e ouvimos diversas vezes, os pregadores gostam de usá-lo porque é um dos textos que melhor define o

evangelho, que melhor resume o objetivo da encarnação e do ministério de Cristo. Trata-se da passagem que encontramos em

Lucas 5:32

Porque Jesus veio ao mundo? Ele veio para chamar pecadores Ele veio para chamar aqueles que se acham prostrados sob o fardo do pecado, aqueles que se acham cansados, sobrecarregados, aqueles que sofrem, aqueles cuja vida se acha humilhada, despedaçada pelo pecado, aquele que não tem mais esperança, os desesperados, que sabem que nada merecem, mas que desejam profundamente serem perdoados por Deus, serem aceitos por Deus e readmitidos como membros em sua família. O texto que lemos porém não se limita a dizer que Jesus veio chamar pecadores, infelizmente a primeira parte do versículo tem sido ignorada por muitos de nós senão por todos, o que tem provocado uma visão distorcida da forma pela qual somos perdoados e aceitos por Deus , Leiamos novamente o versículo.

Da mesma forma que Jesus declara que veio chamar pecadores Ele declara que não veio para chamar justos, eu até acredito que a ordem das frases no versículo sugere qual delas Cristo queria enfatizar, em outras palavras ao descrever a razão de Sua vinda Cristo queria justamente destacar o fato que ela não visava resolver o problema dos justos e sim dos pecadores. A idéia porém não é a de que Ele chamaria somente pecadores porque com os justos já estava tudo bem, não, bem pelo contrário. O que Jesus quis dizer aqui é que Ele recusa os justos, mas recebe pecadores.

Isto pode parecer um pouco estranho à primeira vista, mas o ensino de Jesus neste versículo é que há uma classe de pessoas que desejam ser recebidas por Ele mas que Ele

as rejeita. Pessoas que buscam o favor de Deus, mas que nunca o alcançam porque lhes são negados. Pessoas para as quais Cristo vira as costas na mais completa rejeição. São aqueles que se consideram justos a Si mesmos ou que esperam tornar-se justos pelos próprios méritos.

II - CONTEXTO HISTÓRICO

Estudemos um pouco o contexto em que Jesus pronunciou estas palavras. Leiamos

Lucas 5:27, 28

Jesus ainda estava por assim dizer no início do Seu ministério tanto que nem mesmo o grupo dos apóstolos não estavam completamente formado, parece que até este momento, Pedro, André, Tiago e João haviam sido chamados para que o seguissem, Levi Mateus deveria ser o próximo.

Jesus se encontrava nos arredores de Cafarnaum, na época, um dos mais importantes portos pesqueiros do Mar da Galiléia. Ali trabalhava Mateus um publicano, ou seja, um cobrador de impostos, atividade esta que o colocava na categoria dos mais desprezados e odiados dentre todos os funcionários romanos na palestina.

Ao invés de cobrar impostos através de seus próprios oficiais, Roma vendia a qualquer cidadão comum o direito de fazê-lo em determinada cidade ou vila. E só pelo fato de negociar com o sistema romano, o publicano já se revelava um traidor de Israel E ainda mais porque sua atividade consistia justamente em arrancar de seu próprio povo o dinheiro dos impostos . Ele se empregara voluntariamente aos dominadores pagãos que

oprimiam seu ovo e ao assim fazê-lo, tornava-se um dos agentes da opressão. O que lhe trouxe a fama de apostata de pior tipo e herege e renegado. Nada poderia ser mais ofensivo à mente judaica. Roma exigia que cada publicano coletasse determinada quantia de impostos, de maneira que tudo que recebessem a mais podiam coletar para si. E o governo romano a fim de manter os seus coletores sempre satisfeitos e produtivos, apoiavam em seus mais selvagens excessos E abusos. Eles tinham plena cobertura dos soldados a fim de cobrar os mais absurdos impostos e Assim extorquirem o que bem entendessem do povo, mesmo dos pobres, com raríssimas exceções os publicanos ficavam ricos em pouco tempo. Eles podiam cobrar impostos sobre quase tudo, Além dos impostos de importação e exportação, podiam também cobrar pedágios em pontes, portos e estradas. Podiam até mesmo abrir pacotes e bagagens carregados nas estradas, também lhes era permitido abrir correspondência particular para ver se algum tipo de negócio estava sendo realizado, se fosse o caso podiam cobrar impostos. Não é de admirar que fossem odiados e desprezados por todos os compatriotas. Eram considerados como animais imundos e tratados como porcos. Eram tidos como grandes mentirosos, e colocados em pé de igualdade com os piores ladrões e assassinos. Mas o desprezo que os publicanos tinham que amargar era tal que eles tinham se privado inclusive dos direitos civís religiosos e políticos atribuídos a qualquer Israelita não podiam freqüentar as sinagogas, não podiam servir de testemunhas em nenhum dos julgamentos, muito menos ocupar cargos de juiz, assim era Mateus, quando ele já estava cansado de tudo isto e o Espírito Santo já estava conseguindo despertar em seu coração a convicção de pecado. O problema é que ele não sabia o que fazer e nem a quem recorrer.

Os rabinos que eram como que os teólogos da época ensinavam que era impossível a um publicano arrepender-se, dado a enormidade dos seus crimes e seus pecados. No íntimo do seu ser, porém, Mateus desejava sinceramente libertar-se daquela vida de pecados.

Diz-nos a Sra. White que Mateus havia escutado os ensinos de Jesus, mas não podia imaginar que o Salvador seria capaz de preocupar-se com ele. Qual não deve ter sido a sua surpresa quando num dia qualquer ao estar realizando seu trabalho rotineiro, Jesus se pôs bem à sua frente e olhando firmemente nos seus olhos disse: “Segue-me”. Diz-nos o texto que ele se levantou e deixando tudo o seguiu.

Sem demonstrar qualquer hesitação ou temor Mateus abandonou tudo para seguir a Jesus e este foi o alto preço que ele teve que pagar, talvez o mais alto dentre todos os discípulos. Um pescador que seguia a Jesus poderia voltar à pesca a qualquer momento, mas um publicano que abandonasse o seu posto estaria liquidado porque no dia seguinte Roma já nomearia alguém para ocupar o seu lugar.

Mateus porém estava seguro de sua decisão de aceitar o convite de Cristo mesmo que isso significasse a troca de um negócio altamente lucrativo por uma vida de pobreza, por uma vida de privações.

Não há barreiras para o verdadeiro arrependimento e não há ninguém que verdadeiramente se arrependa sem que Cristo o aceite e o perdoe e lhe perdoe os pecados, mesmo que sejam muitos, mesmo que sejam grandes.

Segundo os padrões da época, Mateus era o pecador mais vil e mais miserável de Cafarnaum e Cristo sabia disto, mas não hesitou em procurá-lo e estender-lhe o Seu perdão.

Lucas 5:29, 30

perdão de Jesus causou-lhe um impacto tão grande que Mateus desejou partilhar sua experiência com os antigos companheiros de profissão. Sua intenção na verdade era levar seus amigos a Cristo e por isso convidou-os para um banquete em sua própria casa, sendo Jesus o convidado de honra.

Mas ficamos sabendo pelo texto que não apenas publicanos foram incluídos, muitos outros que também eram tidos como grandes pecadores também estavam presentes, na verdade as únicas pessoas que Mateus conhecia eram aquelas pessoas de péssima reputação, pois ninguém mais iria associar-se a ele, as pessoas de bem o desprezavam por completo. Imagino que ali estivessem ladrões, prostitutas, vigaristas de todo tipo, além do grande número de publicanos, escórias da sociedade.

Os líderes religiosos da época ensinavam que além do fato de serem grandes pecadores os publicanos pelo fato do seu freqüente contato com os gentios eram cerimonialmente imundos e que portanto ninguém deveria associar-se a eles e tão pouco comer com eles. O ministério de Cristo no entanto não era pautado por preconceitos e tradições romanas. Mesmo que viessem a escandalizar por ex. a seita dos fariseus Ele não deixaria de comparecer àquela recepção.

Suas atitudes, Seus movimentos não eram influenciados por questões políticas de qualquer natureza. Para Cristo as distinções puramente exterior não representavam

absolutamente nada, não eram de nenhum valor. O que lhe interessava mesmo era a vontade por menor que fosse, por mais oculta que estivesse de libertar-se das garras do pecado e ser perdoado por Deus e de experimentar uma vida inteiramente nova.

A notícia do banquete se espalhou rapidamente e chegou aos ouvidos dos fariseus e eles que no dia anterior se olharmos os versículos acima, haviam tido um confronto com Cristo porque diziam que Ele não tinha autoridade para perdoar pecados. Dirigiam-se rapidamente às proximidades da casa de Mateus para ver se Jesus estaria presente, para eles até a poeira levantada pelos gentios e pecadores provocava impureza cerimonial levando os contaminados a perderem as condições apropriadas para adorarem e servirem a Deus e como podia agora alguém que professava ser religioso, um Mestre que reivindicava o direito inclusive de perdoar pecados, assentar-se à mesa com tantos pecadores e bandidos de uma só vez?

Escandalizados e revoltados eles aguardam o término do banquete e por terem saído à frente eles encurralam os discípulos de Jesus e expressam toda a sua indignação na forma de pergunta: "porque comeis e bebeis com publicanos e pecadores?" Mas longe de ser uma pergunta honesta, esta era na verdade uma censura disfarçada ao que consideravam a desqualificação moral e religiosa de Jesus e Seus discípulos. E parece que foi justamente a partir desta ocasião que os fariseus espalharam entre o povo em geral a acusação de que Jesus era amigo de publicanos e pecadores, querendo com isso insinuar de que Ele não era nada melhor do que aqueles a quem se associavam.

Percebendo o que se passava Jesus se aproxima e responde com uma lógica tal que é impossível de ser refutada

Vv. 31, 31

Jesus declarou que são os doentes e não os sãos que precisam de médico, indicando com isto que Ele se associava a publicanos e pecadores porque eram eles que precisavam de cura espiritual.

A resposta de Jesus porém não foi totalmente despretensiosa como parece, Jesus não apenas esclareceu a razão pela qual comparecera ao banquete, como também revidou a censura, atacando os fariseus naquilo em que mais se orgulhavam. Seu senso de justiça própria.

Em outra passagem do evangelho Lucas descreve os fariseus como aqueles que confiavam em si mesmos por se considerarem justos e desprezavam os outros. Em outras palavras, os fariseus pretendiam ser espiritualmente sãos. Eles haviam desenvolvido a crença de que era mediante a perfeita obediência à lei que o homem se coloca sob o favor especial de Deus e por isto se tornaram especialistas no cumprimento de cada mandamento divino, indo inclusive muito além daquilo que Deus ordenara.

Somente com respeito ao jejum por ex. enquanto a lei determinava que os judeus deveriam jejuar uma vez por ano, no dia da expiação, os fariseus jejuavam duas vezes por semana, todas terças e quintas feiras. E era justamente por causa desta imposição que eles se consideravam mais justos e portanto mais dignos aos olhos de Deus do que as demais pessoas. O legalismo os conduziu ao exclusivismo religioso.

A própria palavra fariseu significa separados, santos, mais santos que os demais, não nos admira o fato de que muitos deles tenham se tornado hipócritas, querendo parecer exteriormente o que na realidade não eram.

A resposta de Cristo portanto também encobria uma censura, uma grave censura, tão grave que não se aplica somente àqueles fariseus presunçosos e auto-confiantes, mas a todos aqueles que são inclinados a confiar nas míseras realizações humanas como a base de sua salvação. Não vim chamar justos e sim pecadores ao arrependimento.

Conquanto esse texto afirme que Cristo recebe pecadores, a idéia aqui predominante é de que Ele recusa os justos', ou seja aqueles que pretendem achar-se justos. Embora a maioria de nós estamos cansados de saber que somos salvos pela graça de Cristo e que recebemos este dom unicamente pela fé nEle . É muito fácil deslizar-mos pelo conceito de que nossa salvação final depende pelo menos em parte de nós mesmos e daquilo que somos capazes de fazer.

Mesmo já tendo passado pela genuína experiência da conversão, 'e muito fácil olharmos com satisfaço para algumas de nossas virtudes, ou conquistas espirituais, como se contribuíssem de alguma forma para melhorar ainda mais a nossa imagem e conceito diante de Deus.

Mas talvez não haja nada que as Escrituras tanto condenem, por ser tão ofensivo a Deus, como o conceito de que somos salvos pela nossas próprias obras.

Ou de que as obras pelo menos ajudem em nossa salvação. Leiamos por exemplo Efésios 2: 8,9: Porque pela graça sois salvos, mediante a fé e isso não vem de vós é dom de Deus, não de obras para que ninguém se glorie. O princípio de salvação pelas obras não é válido, porque em primeiro lugar ele alimente o orgulho humano, que é a própria essência do pecado. Leva o homem a gloriar-se de si mesmo, nas suas virtudes ou realizações pessoais acaba colocando o próprio Deus em obrigação para consigo. Uma

idéia absurda é como o fariseu que foi ao templo e orava: “Graças te dou porque não sou como os demais homens roubadores, injustos, adúlteros, nem como este publicano, jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho.

Só faltava Deus perguntar: “Muito bem, quanto é que eu lhe devo. Em seu ;intimo, o fariseu além de orgulhar-se de seus feitos espirituais, também pensava que Deus estava em débito para com ele. Ou seja, que Deus agora estava obrigado a conceder-lhe não só a vida eterna, mas também todo o reconhecimento e os galardões divinos.

Como essa idéia diminui a Deus, essa idéia diminui o tamanho sacrifício que Deus fez pela nossa salvação. Em segundo lugar o nossa salvação não é pelas obras, porque obediência presente não pode cancelar a culpa de nossos pecados.

No momento em que pecamos, cada um de nós como que contraiu uma dívida para com a santa lei de Deus. Divida esta em que em nós mesmos, não temos condições de saldá-las. O salário do pecado é a morte diz Paulo. E Muitos há que se esquecem desta verdade e procedem como se o seu problema se limitasse apenas ao presente, a fazer ou não isso ou aquilo, e por essa razão procuram conquistar o favor divino mediante uma vida de obediência. Todavia mesmo se pudéssemos apresentar a Deus uma obediência perfeita, ela jamais poderia pagar a nossa dívida, ou tirar a culpa de nossos pecados passados. Em razão do simples fato de que obediência e boas obras são exigidas de nós de qualquer forma.

Em muitos carnês de compra a prazo costuma aparecer a simples frase: “Este pagamento não quita débitos anteriores”. Assim é com nossa obediência presente com nossas boas obras, elas são aquilo que Deus exige de nós naquele momento. Não podem

saudar a dívida que temos diante de Deus a culpa de nossos pecados passados. Só há uma formas de essa dívida ser paga, diz o apóstolo: "Sem derramamento de sangue não há remissão de pecados". E se quiséssemos nós mesmos saudar nossa dívida, poderíamos faze-lo, mas isso representaria nosso fim, a nossa morte eterna.

Deus, porém providenciou outra forma para que a justiça de sua lei fosse satisfeita, e nós pobres pecadores pudéssemos viver . Cristo levou sobre Si a nossa culpa, e se aceitarmos pela fé o Seu sacrifício, então nossa dívida estará totalmente paga, até último centavo.

II Cor. 5:l4: "Pois o amor de Cristo nos constrange., um morreu por todos, logo todos morreram". Só Cristo portanto pode ocupar-se de nossos pecados passados. Na cruz Ele pagou a dívida em nosso lugar e nos oferece graciosamente os méritos, os benefícios de Seu sangue. Se pela fé aceitarmos o Seu sacrifício, será como se todos nós tivéssemos sofrido a execução da dívida.

Pergunta a senhora White o que é justificação pela fé? Ela mesma responde, é a obra de Deus em lançar por terra e glória do homem e fazer pelo homem aquilo que não está ao seu alcance fazê-lo por si mesmo. Quando os homens vêem sua própria inutilidade, preparam-se para ser revestidos da justiça de Cristo Algumas vezes pensamos que nossas obras proporcionarão um lugar no Seu reino. Tentamos agradar a Deus com nossas boas ações. Estamos completamente enganados. Podemos fazê-lo feliz quando nos aproximamos dEle não com senso de justiça própria, mas pela fé que opera maravilhas e pela graça que verdadeiramente salva. Que Ele nos ajude para isso.

AMÉM.